

## Prefácio

---

**Ana Vasconcelos**

O objectivo deste número temático de **Interacções**, com artigos dedicados à obra e ao pensamento de Carlos Amaral Dias, é fornecer um sentido de exortação intelectual, ‘uma oportunidade de aprendizagem e festa’, como diz Luís Sousa Ribeiro no seu artigo, à semelhança do pensamento e dos livros de Amaral Dias que propiciam felicidade criativa e expansão do pensamento. Porque não há melhor festa para o mundo psíquico do que compreender melhor, no seu ser consigo próprio, e no seu ser-no-mundo.

Desta forma, este número da revista foi pensado sob a égide do desassossego intelectual que a prática da psicanálise, como Amaral Dias a ensina, impõe, e que é imprescindível para se respeitar quem se considera como sendo ‘um discípulo do efémero e um inimigo do breve’ (Dias 1994: 307).

E, apesar de Matte Blanco afirmar que, por via do sujeito do inconsciente, compreender é sempre um mal entendido porque, no território psíquico, há sempre uma parte incognoscível, o pensamento de Amaral Dias sobre a psicanálise – e o modo como entende o mundo, à luz da compreensão psicanalítica que expõe nos seus livros, nos seus artigos e nas suas intervenções na comunidade pública, bem como o modo como ensina a prática da psicanálise – são contributos vigorosos para podermos não ficar reféns da frase de Matte Blanco, e podermos, desta forma, possuir ferramentas que nos per-

mitam pensar mais perto da verdade de cada um. Trata-se de podermos alvejar alcançar o Outro, o que Amaral Dias designa por uma empatia espiritual, ou seja, uma tão grande ligação pensante com o outro como a que W. Bion designou por 'at-one-ment'.

O pensamento de Carlos Amaral Dias não se doma a possíveis exposições, nem se deixa traduzir, como convém a quem consegue ser soldado e historiador ao mesmo tempo. Soldado, porque a sua prática clínica nos ensina o saber lutar contra a dor psíquica, que é inimiga do pensar que faz crescer. Mas nos ensina, também, que um soldado lúcido se deve manter vigilantes, quanto à sua condição solipsista e de 'ser morrente', que bordeja permanentemente o instinto de sobrevivência. Por outro lado, é também um historiador, porque, com os seus escritos, Amaral Dias nos ensina como transformar a história, a própria e a dos outros, em historicidade, através do pensamento reflexivo, que dá coerência à sucessão dos instantes de cada, 'aqui e agora' e 'agora e aqui', da história de cada um.

A reflexão de Carlos Amaral Dias nos seus livros, artigos e textos – para os quais, teimosamente, fujo de chamar obra, pois é uma palavra que propicia a um encerrar do pensamento e a dar algo por concluído – recusa sistematizações, sínteses ou esquemas que só fecham o pensamento e o saturem de 'mais do mesmo' e, sempre, com muito pior qualidade. Por isso, para organizar este *nexus psicanalítico*, começarei por fazer uma leitura vagabunda do 'meu Amaral Dias'.

Daquele onde o inconsciente é, sempre, o convidado a pôr a sua marca, ou, pelo menos, a deixar o seu traço no aparelho que pensa os pensamentos.

Daquele que me permite, mesmo quando chego ao fim de uma travessia e com a ajuda da dialéctica, que os contrários se aproximem e se reconciliem.

Daquele que me ensina a recusar a ordem de um discurso que, apenas, raciocina, argumenta, encadeia frases, antecipa a objectivação.

Que recusa as previsões e ensina a se estar aberto ao inesperado, ao improvável, à afirmação do descontínuo, à coexistência dos contrários.

Que me ensina a afirmação do heterogéneo, o gosto pela diferença, o prazer da mobilidade que se move entre a teoria e a clínica.

Que me ensina a rejeitar 'teorias acabadas' e a não se ser submissa a modelos teóricos e a práticas clínicas, mas a manter a capacidade de indagar, mesmo indo contracorrente, contrariando uma fluidez do pensamento circulante e vigente.

Que não faz o elogio do 'não saber' do 'sei que nada sei' que,

muitas vezes, é uma derradeira forma de um saber absoluto. Mas que alerta para um saber dominado ou controlado por factores invisíveis ou camuflados, que podem impedir a descoberta, porque são um obstáculo ao encontro com o novo.

Que não confunde paixão teórica com espírito do sistema.

Que não confunde andaimes com o prédio.

Que não toma a teoria psicanalítica como uma armadura teórica, um ancoramento fetichista aos conceitos chave.

Que me ensina a não confundir autonomia com arrogância, independência com provocação, liberdade com revolta (Dias 1991: 67)

Que me ensina a compreender que se pode ter, dentro de si, a falar dentro de si, uma criança maligna ávida, destrutiva e imprevisível.

Que me ensina a compreender o sofrimento psíquico de quem, pela sua 'brutalidade de sentimentos, violência dos afectos, impulso ocasional à ternura e à suavidade' (Dias 1999: 67), não encontra, nem os gestos, nem as palavras, não sabe falar.

Que me ensina a não ser hipócrita comigo própria, quando cedo à tentação de confundir 'fantasia de renascimento com nascimento de si mesmos' (Dias 1991: 68), em momentos em que não tolero a ideia de morrer e fico fascinada com a ideia de morte.

A esta leitura vagabunda junta-se a leitura dos artigos que integram esta colectânea sobre Carlos Amaral Dias e que me levaram adoptar uma atenção flutuante, na compreensão do fio condutor, ao longo do qual os artigos aparecem agrupados. A atenção flutuante tem como pano de fundo tudo o que pode estar contido na palavra 'instante' e no duo 'entre dois', neste caso, certamente, por influência de J.-B. Pontalis (2004, 2007).

'Entre dois': entre o manifesto e o latente; entre o primitivo e o edipiano; entre o psíquico e o corporal; entre o solipsismo e a relação com o Outro; entre a condição de ser nascente e a de ser morrente; entre os incessantes instantes de todos os 'ir e voltar', 'aqui e agora' que formam o tempo a passar da vida, e que se espera que sejam feitos em espirais ascendentes. Este movimento permite travessias como a barca do quadro de Ambrogio Lorenzetti, que vi, um dia, em Siena, e do qual também tomei conhecimento através de Pontalis (2004: 13-14). Aquela barca vazia e acolhedora na sua concavidade e, com a função para que se propõe, permite a cada um sentir-se nela o seu único viajante, transportando todos os seus sonhos e desejos inconscientes, numa travessia sem términos, porque pensamos sempre que a nossa morte é, ao mesmo tempo, inelutável e improvável.



*Un castello in riva ad un lago*, Ambrogio Lorenzetti (1290-1348),  
Pinacoteca Nazionale di Siena

A atenção flutuante é também uma influência de um dos livros mais fascinantes de Amaral Dias, *Da Interpretação Psicanalítica* (2001), dos mais citados pelos autores dos artigos, neste número da revista. Naquele livro, Amaral Dias ensina-nos que a interpretação psicanalítica é a marca do psicanalista, porque é nela que ‘se revêem os modelos teóricos e os recursos conceptuais de quem interpreta e como interpreta’ (2001: 5) e porque ela ‘remete para o sujeito do inconsciente’ (2001:5), que é indispensável que esteja presente em qualquer trabalho psicanalítico.

Definida deste modo a interpretação psicanalítica, e com a preocupação de que a psicanálise não seja tida como uma ‘oferenda securizante que paulatinamente obnubila a paixão do saber e o amor à verdade’. (Dias 1992: 18), Amaral Dias considera fundamental enquadrar o acto de interpretar psicanalítico no rigor hermenêutico do modelo filosófico da interpretação da realidade de H. G.Gadamer.

Neste modelo, o processo interpretativo não advém da descoberta do ‘exacto’ ou do ‘correcto’, mas das condições em que ocorre o acto de compreender, onde compreender é considerado como o carácter ôntico da própria vida humana, forma primeira de realização de ‘estar aí’ do ser-no-mundo heideggeriano. Evocando o subjectivo, Gadamer considera que toda a interpretação é feita a partir de uma pré-compreensão que a pessoa que interprete já tem do que vai interpretar, exigindo a compreensão, sempre, uma abertura à opinião do outro. Ou seja, nesta hermenêutica ‘situacional’ do ser que, em cada instante,

está-no-mundo, o exercício da subjectividade é tido como uma condição ontológica do ser humano que desempenha uma função.

Transpondo esta hermenêutica para o território da psicanálise, Amaral Dias faz corresponder a atenção flutuante do psicanalista ou do psicoterapeuta – actividade mental essencial do trabalho psíquico numa psicanálise ou numa psicoterapia – ao conceito de pré-compreensão de Gadamer. De igual modo, relevando o modo como Gadamer compreendeu o exercício da subjectividade, chama a atenção para a importância do terapeuta saber lidar com o exercício da sua subjectividade, para que a sua emoção e o seu entendimento, enquanto intérprete e parceiro do encontro com o paciente, possibilitem encontrar os factos psíquicos relevantes que servem a verdade psíquica do paciente. Este é um saber lidar que exige, da parte do psicanalista ou do psicoterapeuta, um trabalho psíquico colocado ‘no rigor hermenêutico de compreender-interpretar-dessubjectivar-factualisar-transformar’ (Dias 2001: 11).

O trabalho psíquico de subjectivação-dessubjectivação exige, por sua vez, que o terapeuta aprenda com a sua própria experiência emocional, para que não se feche numa intra-subjectividade resultante do seu encontro com o paciente, e se possa manter disponível para a dúvida e para a indagação, sem excesso de confiança, potencializando, assim, uma atenção flutuante. Aludindo, mais uma vez, à filosofia de Gadamer, é fundamental que o terapeuta saiba analisar a sua própria capacidade de pré-compreensão, para não entrar num excesso de pré-compreensão, que pode conduzir, por sua vez, a um excesso de concreto, impedindo a atenção flutuante. O importante é uma interpretação psicanalítica que possibilite a outorgação de significado sobre os verdadeiros factos psíquicos do paciente, de forma a estes poderem ficar, como diz Amaral Dias, ‘preludes de significação’ (Dias: 2001: 22).

Para que isto possa acontecer, ensina-nos Amaral Dias, o psicanalista necessita de uma participação emocional em toda a sua experiência de aprendizagem. Este processo favorece uma mente aberta aos modelos e às teorias psicanalíticas, permitindo um questionamento permanente à sua subjectividade e, simultaneamente, uma objectivação dos factos psíquicos do paciente. Desta forma, o psicanalista poderá aceder a uma interpretação indagatória, que, tolerando a dúvida, o não saber acerca de, a dispersão, que são essenciais para a atenção flutuante, possa originar, no paciente, uma emergência emocional que lhe permite uma travessia psíquica, com diminuição

da angústia, alívio da dor mental e, por conseguinte, possa gerar uma verdadeira mudança psíquica.

No entanto, para que a interpretação psicanalítica possa alcançar esta verdadeira tarefa transformativa, Amaral Dias diz que ela terá de estar no território do vínculo L (Love) do modelo de Bion, vínculo que, sendo sempre de presença silenciosa, porque só se expressa ‘na solicitude implícita ao acto analítico’ (Dias 2001: 62), é, contudo, gerador de uma interpretação transformadora, porque facilita uma travessia que permite encontrar um facto novo, viabilizando uma mudança real no psiquismo do paciente que está em sofrimento. Por outro lado, Amaral Dias acrescenta que – se é certo que a interpretação psicanalítica deve, sempre, ser reportada a um vínculo do conhecimento – no entanto, o factor vincutivo mais importante é a contemplação da dor mental do paciente, que só é possível por via do vínculo L. É este vínculo que, permitindo a condolência, dá a capacidade de se poder viver e partilhar a dor do outro, de poder albergar os seus conteúdos dolorosos, tolerá-los e, neste processo, levar o outro a poder também tolerá-los, ou poder conectar o facto novo gerado pela mudança da sua dor psíquica.

Amaral Dias ensina-nos, também, que a tarefa do trabalho psíquico não é apenas da ordem do levantamento do recalçamento, nem da reparação dos danos do ódio que levaram a uma culpa depressiva, mas deverá ter, como tarefa prioritária, desintoxicar o psiquismo do paciente do excesso emocional que a dor mental provocou, o que permite, ao mesmo tempo que o paciente atribua um novo significado ao facto psíquico que era o causador desse doloroso excesso emocional. Ou seja, trata-se de colocar a mente do paciente a pensar pensamentos que não tinham sido pensados por ele, porque é a interpretação dirigida à dor mental que cria o suporte à função do aparelho de pensar do paciente.

Outra questão importante para Amaral Dias é que, quando um paciente só transporta consigo uma hiperrealidade alexitímica e está despojado de actividade onírica e de pensamento de rêverie ou de devaneio, o psicanalista deve trazer, para a sua relação psicanalítica transferencial com o paciente, a sua própria capacidade de rêverie/devaneio, alimentada pela aglomeração coerente de materiais perceptivos e sensoriais que o paciente lhe deu. Trata-se de uma situação semelhante à mãe que cria os factos com o seu bebé, através da sua ‘rêverie materna’, continente e contentor para a função de pensar os pensamentos que o aparelho de pensar do paciente/bebé não con-

segue ainda pensar em pensamentos. Por isso, o bebé necessita que a mãe/terapeuta dê nome e interprete as experiências emocionais mais primárias, de forma a poder compreender e organizar a realidade, num nexus coerente, como explicita David Zimerman no artigo inserido neste número temático.

Deste modo, a interpretação psicanalítica, sendo geradora de factos psíquicos, não se esgota, contudo, nesses factos, como nos mostra Amaral Dias na sua prática clínica, mas, muito pelo contrário, entre um instante de procura e um instante de encontro com um facto psiquicamente relevante para o paciente, a interpretação psicanalítica está sempre apta a ressignificá-los, através de um conhecimento objectivado capaz de gerar mais conhecimento.

Enfatizando no seu livro *Da Interpretação Psicanalítica* (2001), a necessidade de objectivação da interpretação psicanalítica – enquanto actividade transformadora que o psicanalista faz sobre o que o paciente transmite a partir da sua subjectividade – Carlos Amaral Dias considera a existência de um ‘padrão emocional de resposta humana’ (2001: 10), que mantém a sua invariância ao longo das transformações do psiquismo do paciente através do trabalho psicanalítico. Neste sentido, Amaral Dias aconselha a leitura dos trabalhos de Francisco Varela (1993) sobre a psicofisiologia do cérebro. Este investigador, perante a ‘magia’ das células do cérebro que, usando os mesmos processos metabólicos dos outros órgãos do corpo, têm propriedades tão especiais, considera o cérebro a encarnação da mente, onde se produz o sentimento de se ser o próprio, no mundo, a cada instante.

Deste modo, Amaral Dias incita a que se abra o conhecimento e o pensamento psicanalítico a outros vértices do conhecimento científico que podem enriquecer a compreensão do funcionamento da mente.

John Horgan, jornalista científico convidado por George Steiner em Outubro de 2007, para o Colóquio que organizou na Gulbenkian, *A Ciência Terá Limites? / Is Science Nearing its Limits?* (Steiner 2008), referiu-se à psicanálise como uma teoria surpreendentemente persistente e muito admirada por eminentes neurocientistas como G. Edelman, A. Damásio ou E. R. Kandel. Curioso é recordar que George Steiner, no seu livro, *Nostalgia do Absoluto* (1974), considerou a psicanálise como uma das meta-religiões do séc. XX, vindo preencher o vazio deixado por um declínio do papel desempenhado pelas igrejas na sociedade ocidental, caracterizando-a como uma teologia

substitutiva. E, à semelhança de Popper, classificou a psicanálise como uma pseudo ciência, porque os seus conceitos-chave, como libido, complexo de Édipo, inconsciente/Id, não correspondiam a estruturas da neurofisiologia humana. Não obstante, George Steiner, nesta sua já antiga apreciação sobre a psicanálise, enganou-se, porque os novos conhecimentos da neurobiologia molecular vieram integrar muitos dos conhecimentos da psicanálise, na compreensão das experiências subjectivas, incluindo o inconsciente.

Todos os dias, novas investigações das neurociências e da neuropsicanálise confirmam o lema defendido pelo neurocientista e psicanalista Marc Solms de que ligar o mundo interno dos sentimentos, dos pensamentos, das recordações com o tecido visível do corpo torna esses conhecimentos muito mais acessíveis ao escrutínio científico.

Desta forma, foram descobertos circuitos cerebrais de recompensa partilhada e de cooperação, que permitem conhecer melhor os estados mentais dos outros, porque favorecem a empatia, a cooperação e estão, por outro lado, implicados em circuitos destinados a encontrar soluções para os conflitos, tornando-os em oportunidades de novos conhecimentos.

Os trabalhos de Allan Shore (1994) demonstram que a auto-organização do cérebro da criança, portanto em desenvolvimento, se faz sempre no contexto da relação com um outro cérebro, onde há um outro self permitindo interacções sincronizadas e em sintonia mútua, permitindo, por sua vez, a ressonância intersubjectiva, a sincronia afectiva e a interactividade reparadora.

Por sua vez, os trabalhos de Fred M. Levin (2003) sobre a cartografia do cérebro desenvolvem a ideia de que o hemisfério direito é o substrato biológico do inconsciente humano psicanalítico e, por outro lado, que o recalçamento é possível, pela reversibilidade da dominância interhemisférica, e pela passagem da memória exclusivamente episódica dos primeiros anos de vida, para uma memória também semântica.

O uso da metáfora é o testemunho, para as neurociências, de uma boa integração dos dois hemisférios, através de uma coesão entre os sistemas de memórias semânticas, da responsabilidade do hemisfério esquerdo, com o das memórias episódicas, da responsabilidade do hemisfério direito. Em termos neurocognitivos, as metáforas das interpretações psicanalíticas baseiam-se em comparações e equivalências entre experiências sensoriais, em diferentes modalidades, es-

timulando um pensamento que é resultado da activação de diferentes zonas do cérebro. Em termos psicológicos, e pelo poder das palavras que estimulam a imaginação, as metáforas ajudam a construir pontes entre experiências do presente e do passado, entre sensações e memórias, entre afectos e categorias lógicas, entre tensões de conflito e de impulsos.

Os estudos do médico e professor em neurofisiologia, Wolf Singer (também convidado por George Steiner para o Colóquio na Gulbenkian), sobre as modificações que se operam na arquitectura funcional do cérebro, ao longo do processo de desenvolvimento que ocorre entre o nascimento e os 20 anos de idade, mostram que os neurónios estão incessantemente a estabelecer e romper ligações, sendo muitas das ligações estabelecidas inicialmente, destruídas depois, para formar uma arquitectura madura do cérebro. Este fazer e desfazer de ligações, segundo este investigador, é guiado pela actividade da experiência, de forma que o cérebro se vai adaptando ao ambiente específico onde evolui. Contrariando um postulado científico vigente durante muito tempo, as investigações mais recentes de Singer apontam que o esquema de conectividade do parênquima cerebral não é de natureza serial, ou construído em arquitecturas hierárquicas, como se pensava mas, antes, é dominado por princípios de paralelismo, de reciprocidade e de distribuição, num emaranhado/entrelaçado de densas e muito complexas ligações, fortemente estruturado e com as propriedades das 'redes de pequeno mundo'. Segundo, ainda, Singer, o cérebro, mostrando-se um sistema organizado e amplamente distribuído, parece seguir um código em que a união de fenómenos locais, distribuídos pelo córtex, respeita uma montagem feita através de uma sincronização de actividades oscilatórias, permitindo um encaminhamento selectivo de sinais que têm a mesma sincronização. Neste sentido, Edelman, citado por Singer, considera que esta sincronização em larga escala constitui um pré-requisito, para que os sinais tenham acesso ao processamento consciente, requerendo o acesso à consciência desses sinais que o sistema entre num estado meta-estável, que se caracteriza por uma sincronização extremamente precisa de actividade oscilatória num espectro de frequências específico e entre áreas corticais amplamente distribuídas. O processamento consciente realiza-se, assim, pela via de uma conjunção no tempo e não no espaço através, afirma Singer, de uma 'simultaneidade intangível que une os processadores uns aos outros e faz com que os conteúdos distribuídos sejam expe-

rimentados como um todo coerente, embora não como uma unidade algures no espaço e, sim, no tempo - e isto a nossa intuição não o presumiria.' (idem: 103) .

Esta constatação leva Singer a alertar-nos para que muitas das explicações actuais sobre o funcionamento do cérebro – em que os neurónios geram padrões espaço-temporais num sistema fortemente não linear e originando trajectórias dinâmicas que nunca serão repetidas – estão em conflito com as intuições primárias científicas sobre o funcionamento dos neurónios. Neste sentido, Steiner considera que esta dificuldade se pode compreender pela ausência de 'qualquer intuição sobre o que se passa no nosso cérebro, porque temos dificuldade em imaginar processos não lineares complexos' (idem: 103) .

Além disso Singer refere, ainda, numa perspectiva sobre o que se pode esperar no futuro sobre o funcionamento do cérebro, que o cérebro faz parte de uma rede sócio-cultural. O cérebro é o produto da sua inserção em ambientes culturais complexos, sendo, por outro lado, difícil relacionar os processos cerebrais com os sistemas de valores, como são a consciência e a intencionalidade, que 'só surgiram no mundo porque os cérebros se reflectem noutros cérebros reciprocamente e atribuem propriedades às experiências assim adquiridas' (idem: 104). O autor conclui com uma nota de esperança, como um bom cientista deve ter, que, estando no início do estudo do cérebro social, 'já estão a ser feitas investigações pioneiras sobre os fenómenos que só existem nas interacções sociais, tais como a empatia, a avidez, o ciúme' (idem: 104).

Se George Steiner se enganou quanto ao futuro da psicanálise, nos anos 1970, continua – é preciso reafirmá-lo, com toda a veemência – a ser, indiscutivelmente, um dos mais lúcidos e sábios intelectuais do nosso tempo, como ficou bem claro para quem esteve no Colóquio que ele, tão generosamente, veio organizar a Lisboa, a pedido de Rui Vilar. Quando o ouvi, não pude deixar de evocar, como Luís Sousa Ribeiro o fez, em relação a Amaral Dias no seu contributo artigo, o diálogo entre Krishna/Bhagavat e o discípulo guerreiro Arjuna, no poema hindu, Bhagavad-Gîtâ. Arjuna representa o papel de uma alma confusa que recebe iluminação espiritual do sábio Krishna e que o instrui no modo como deverá colocar-se face à sua auto-realização. George Steiner instrui-nos e aconselha-nos como Krishna o fez com o jovem Arjuna, sobre o modo como deve ser o nosso fazer operante diante das questões que o ser-no-mundo nos coloca. Foram, por isso, muito importantes as advertências que fez à comunidade científica,

no Colóquio da Gulbenkian quando avisou que a ciência não é inocente, e que o progresso ilimitado e contínuo das ciências puras e aplicadas abre um abismo entre o entendimento científico e o entendimento comum. ‘O impulso desimpedido das ciências troça do passo de caracol, da bestialidade da nossa humanidade’ (Steiner 2008: 17). E recordando-nos o que Platão disse no Fédon, que é muito difícil, em certas questões, o homem alcançar um conhecimento seguro, mostrou, durante todo o Colóquio, com as suas palavras e a sua postura interventiva e imbuída de uma indignação responsável, que é uma cobardia não tentar, com todas as forças e esforço, procurar aprender e descobrir a verdade sobre essas questões difíceis ou, se não for possível alcançar essa verdade, munir-nos de teorias, quais jangadas que permitirão à pessoa ser navegante pela vida fora, aventurando-se, com ousadia e arrojo, a atravessar os perigos.

E, com a bela metáfora - ‘Quando os anjos deixaram de voar, os ovnis tomaram-lhe o lugar. Quando o pessoal de Moisés deixou de conseguir extrair águas correntes de rocha, o vedor pratica os seus truques fraudulentos’ (Steiner 2008: 30) – Steiner lembra como o cientismo actual só aumenta o desapontamento generalizado perante a incapacidade que, ainda hoje, a ciência tem para encontrar soluções para a doença, a fome, a injustiça social, os conflitos bárbaros. Este desapontamento leva ao ódio e ao conseqüente ataque, não só contra a ciência, mas contra a própria razão, fazendo emergir a irracionalidade e a superstição, as formas mais primitivas de credulidade.

Também sobre o modo como a ciência se coloca e se deverá colocar, nos dias de hoje e futuro, Rui Vilar, o anfitrião daquele Colóquio, afirmou algo em sintonia com o modo como Amaral Dias ensina e pratica a psicanálise, ao considerar que, sendo ponto assente, na comunidade científica honesta e esclarecida e com sensibilidade científica, que a curva do tempo é positiva, porque olha para o futuro onde se perfilam sempre avanços em relação ao dia anterior, a ciência não deve ser meramente aplicativa mas deve permitir um enriquecimento na auto consciência do homem, no contexto de uma humanização progressiva e em convivência virtuosa com as outras expressões culturais. Pelo que, concluía, a ciência deve reger-se por uma ética da responsabilidade, que evita a negação da técnica pelo homem, mas, também, a negação do homem pela técnica, devolvendo ao ser humano a sua qualidade intrínseca de sujeito moral.

Amaral Dias, com o seu constructo científico psicanalítico, acres-

centaria a estas palavras, também sábias e ponderadas de Rui Vilar, que, neste homem sujeito moral, encontra-se também um ser desejante, que exige que se equacione uma ética do sujeito desejante e não só do sujeito moral, um sujeito portador de uma pulsão epistemofílica e que tem o impulso de, incessantemente, querer saber mais e compreender melhor o mundo onde vive e o ser que ele próprio é. Levantar questões, mesmo quando a resposta parece improvável ou danosa é o corolário da inquietude intrínseca do ser humano consigo próprio.

O novo território compreensivo do mente integra o inconsciente da psicanálise na abordagem das neurociências, a partir das investigações da imagiologia cerebral funcional, e dos novos conhecimentos da neurologia molecular, que, aliás, vieram integrar muitos dos conhecimentos da psicanálise já defendidos por Freud, e numa postura de prudência epistemológica, que toda a correspondência entre ramos distintos da ciência deve ter. Neste sentido, Amaral Dias afirma que, para a compreensão psicanalítica, é imprescindível diferenciar os pensamentos com emoção das 'quantidades de excitação', onde, no lugar da mente, está o neurofisiológico, o cérebro. Com a mesma preocupação de clarificar conceitos, para melhor construir modelos compreensivos, Amaral Dias distingue o que é da ordem do sensorial do que é da ordem do mental, do sensorial que não pode ser transformado nem sonhado. E, no mesmo intuito, distingue o que é da ordem do espaço real, do tempo cronológico e da relação espaço-temporal (com uma cronologia sequencial e uma história), e do que é da ordem do espaço e do tempo mentais, que inclui o inconsciente e onde não existe cronologia, pois o ontem pode ser amanhã, e a história dos factos cronológicos se pode transformar na historicidade.

Na entrevista que dá a Vasco Santos e que inaugura este Número Especial de *Interacções*, Amaral Dias refere-se, como George Steiner também o faz, ao cientismo enganoso dos nossos dias que dá a imortalidade ao homem, ficando a inevitabilidade da condição de se morrer dispensável do pensamento. E, Desta forma, alerta que esta condição de imortalidade do ser humano perante a morte, concedida pela mão de um cientismo triunfante, infantiliza o homem, porque lhe dá a ilusão narcísica de imortalidade, retirando o lugar à ideia de morte, à sua condição morrente, à condição da sua relação central à morte que só pode ser pensada pelo pensamento reflexivo. A imortalidade é hoje, conclui, um produto ideológico num mundo onde a religião foi morta pelo triunfo do cientismo, nova religiosidade do

nosso tempo como já o dissera George Steiner nos anos 1970 (Steiner 1974).

Nos dias de hoje, deixou de ser importante pensar na verdadeira morte do homem, a que não sai nos jornais. A morte causada por uma dor mental insuportável só importa se der reportagem na televisão, título de caixa em jornal, foto apelativa em revista cor-de-rosa. Hoje, a relação com a dor mental é mediatizada por imagens enganosas sobre a dor de viver.

Da mesma forma, o actual facilitismo de que o importante é, rapidamente, atingir os objectivos de ter êxito, leva a que se caia, com muita facilidade, na tentação de, como diz George Steiner, não se fazer o trabalho de casa, substituindo uma verdadeira posição científica por um puro cientismo. Amaral Dias alerta para o perigo das pretensões explicativas em que a psicanálise pode cair, quando se quer consensual e aconflictual com o poder institucional e social, levando a um saber redutor porque, como afirma, 'De questionadores passámos a intérpretes, de intérpretes a oráculos e finalmente a detentores de um saber estabelecido (Dias 1992:18)

Por isso, Amaral Dias enfatiza os frutos tóxicos que a árvore do conhecimento científico pode albergar, contribuindo para que se enverede por um caminho científico determinista e moralista. Ao contrário, o caminho verdadeiramente científico é o que indaga, procurando a verdade. Numa afirmação particularmente feliz, Amaral Dias considera que o método científico começou nos túmulos de Ur quando os saqueadores de túmulos, rompendo o convencional cultural e religioso estabelecido, foram indagar, movidos pela vontade de saber, mesmo sabendo que teriam de se confrontar com o que assusta mais profundamente os humanos. Por isso, o autor aponta a necessidade de se ter a capacidade da ousadia e do arrojo e ter amor ao pensamento porque, como disse numa outra entrevista com o título 'Amar é Pensar' (Dias 2000), é o amor que está na base de toda a organização do pensamento. Como explica Luís Sousa Ribeiro, no texto publicado nesta revista, o amor é o afecto mas, também, é sempre, como o pensamento, simbólico, citando Amaral Dias, 'o amor é sempre um pensamento. Eu diria que o amor é pensamento' (2000:340)

Por isso, ele nos ensina, de igual modo (1992), que a teoria do pensamento é uma teoria da emoção, e um modelo de interacção entre emoção e pensamento, através dos vínculos afectivos do amor e do ódio. Mas também do vínculo do conhecimento que possibilita a indagação, porque os outros vínculos afectivos permitem que haja

tolerância até ser encontrada uma significação para o que ocupa o pensamento. Neste modelo do pensamento, a tolerância ao não significado que procura uma significação é o alicerce da paciência que o psicanalista, ou o psicoterapeuta, deve ter quando procura significação para o material que o paciente traz para a sessão (2001). Trata-se de permitir que, por via do conhecimento, mas também, dos vínculos afectivos, que o pensamento íntimo do terapeuta esteja aberto à indagação, como explica David Zimerman no seu artigo.

De forma iluminante, no livro *Ali-Babá-Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte* (1991), Amaral Dias considerara o amor como o atractor principal que esboça, no caos social, os gestos da interacção e da solidariedade, afirmando que é o amar aquilo que importa que exista nesses gestos, pois é dele que brota a intensidade criadora. É o amor que dá a razão apaixonada, razão que, no cuidar do outro, opera com um pensamento que se prolonga e se reconhece nas suas raízes emocionais, mas, também, com uma emoção que se reconhece nas suas produções cognitivas. ‘Se pensar não for sentir, não é, de certo modo coisa alguma. O pensamento é pois o pensamento de um pensamento’. (idem: 74)

No livro *Ascensão e Queda dos Toxicoterapeutas ou a Democracia da Mentira* (1995) que José Pedro Sequeira, no seu próprio artigo nesta revista, classifica como ‘uma verdadeira pedrada’, Amaral Dias trata da dor psicológica e do sofrimento emocional daqueles que desinvestiram o mundo, perante a sua ‘esmagadora dificuldade de aceitar o real’ (idem: 14) e se tornam em consumidores de droga, denunciando a hipocrisia de práticas terapêuticas cheias de ‘amor enjoado’. A este amor, contrapõe um ‘amor à verdade’, que é o que permite que, com emoção e com conhecimento, se procure, no outro que consome drogas, um pensador, portador de um inconsciente e de factos psíquicos e não, apenas, um obediente, cuja parte madura da personalidade só existe para estabelecer o compromisso de reprimir ‘o direito de dizer de si de uma forma, ainda que se não saiba dizer-se de outra’ (idem: 33)

Por isso, Amaral Dias denuncia a democracia da mentira, referindo as acções de ajuda ao outro que podem ser só formas de travestir a dor e o sofrimento emocionais desse outro, ‘roupagens oraculares’ que reduzem as ‘tecituras’ e as fendas do imaginário do sujeito a ‘coisas observáveis’ (idem: 16), reduzindo o sofrimento do psiquismo a um ‘vazio de criatividade mas ‘rico’ de conceitos pobres’. (idem: 17). Ele alerta, ainda, para o exercício de acções preventivas, em saú-

de mental, que pertencem ao domínio delirante e são ‘oriundas de uma parte psicótica da mente individual e colectiva’ (idem: 18), transformando as ilusões messiânicas em acções cínicas. Deste modo, demonstra como a ética do cuidar (terapêutico e não só), ao ser invadida por uma ordem social, se pode transformar numa mentira, e a dor psíquica que o outro tem é ‘fagocitada’, numa operação dita de Psiquiatria Social, na qual ‘os dizeres dos dizeres dos dizeres se justificam entre si’ (idem: 27) . O que está em questão é que um problema individual se transforma numa abrangência comum a todos e a ninguém. Porque, nela, a emoção não habita o conhecimento, os objectos da realidade são conhecidos sem emoção e o pensamento fica invadido pela concreto e pelo banal de um hiperrealismo, que só sabe decalcar a realidade e não transformá-la. E, quando é o conhecimento sem aprendizagem emocional que domina, não há pensamento próprio a ser pensado na relação com o outro, apenas pensamento que reduplica, porque se organiza como duplicação. O sujeito é um robot, sem acesso a poder decidir sobre sentir a sua vida, a sua morte. Nem sequer poder ser como o robot do romance de Walter Tevis (1980), Spofforth, que quer e consegue, igualando-se ao humano, ser dono da sua morte.

Por tudo isto, Amaral Dias refere que o pensamento tem de habitar um território onde possa haver a ressonância emocional que substancia a ligação dos dois mundos (o íntimo e o da realidade), porque, sabendo o pensamento lidar com a dureza da realidade, a pessoa vai saber viver nessa realidade, única forma de poder aceder à alteridade. Neste ponto, a questão crucial, para Amaral Dias, é que, numa relação de alteridade, os outros não são vistos como *loups-garou*, lobisomens (Dias 1991: 9), mas como homens que sabem ouvir a sua dor e a dos outros, as ausências dos que afectivamente lhe importam. A alteridade permite não se ficar ofuscado pelas faltas e carências que só clamam por preenchimento concreto, material, rico em ostentação material, mas que desautoriza a fantasia, criando uma ‘anti-memória’ que gera a confusão e o vazio mental, porque o espaço mental não pode conviver com o vazio, necessitando de logo o preencher com objectos concretos da dura realidade.

É para saber viver com essa dura realidade, o que tem sempre implícito a necessidade de transformar o real, que, segundo Amaral Dias, o homem se transforma no seu mundo psíquico. Este mundo interno, específica, não é da ordem da tribalização onde domina a mimesis, mas é feito para poder criar e aprofundar os significados,

podendo comunicar com os outros, fantasiar e, salienta, sonhar sonhos que, antes, nunca tinham sido sonhados. A mente portadora deste mundo interno habita o território do afecto, que se enriquece e não se silencie na fala e no gesto, porque a dimensão emocional do seu self deseja saber sobre si, sobre o seu estar, deseja dar-se à relação emocional com o outro, porque, ambos, são seres com ressonância afectiva, com 'espessura'.

Trata-se de uma mente que sabe recusar o sócio-político quando este desgasta ou mina o trabalho do investigador (Dias 1991:75), e não cala o seu discurso, quando este é o testemunho da união do pensar, à procura da verdade. e, por isso, se é criativo, é tido como provocador, necessitando de ser silenciado, mais não seja com ofertas de tarefas burocráticas de chefia, como desabafa Amaral Dias. Porque, muitas vezes, o discurso social pretende mais corrigir, irradiar, extirpar do que ter o desejo de entender.

Para contrariar estes propósitos de dominação, a mente tem de ser a mente de um ser pensante mas, também, de um ser desejante, com o desejo de '*ser quem se é*' (Dias 1993: 55) porque sabe que tem um lugar para pensar que lhe permite abrir-se à alteridade e não a uma simples dependência do outro. Este 'ser-desejante-pensante' aberto à alteridade, ensina Amaral Dias é, também, um ser-sonhador, capaz de sonhar, porque tem uma mente que pode transformar a dor mental causada pela dureza da realidade, dado que ela é portadora de um aparelho para pensar com capacidade de renunciar ao desejo imediato. Esta renúncia ao prazer imediato advém à mente pelo poder de fantasiar que se opõe à concretude alienante do real e que permite saber usar o pensamento 'como se', o pensamento metafórico.

Relevando, desta forma, a importância do sonho, Amaral Dias considera que é pela condição de se ser sujeito onírico que o homem ganha a sua dupla condição de ser revelador e transformador; revelador, porque, suportando a dor do pensar, pode indagar e revelar a si próprio o mundo e o seu próprio ser psíquico; e transformador, porque tem acessibilidade ao pensar simbólico que permite que a psique não fique num concreto causal.

É a capacidade simbólica que confere a capacidade para saber combater os agires enganosos e continuar a servir o amor à verdade interna, traduzida num agir, em consonância com a procura dessa verdade, a única que merece ser procurada. Esta capacidade simbólica, segundo Amaral Dias, deve ser compreendida no contexto da condi-

ção de incompletude primordial do humano, que lhe advém de ter nascido um ser neoténico, imprevisto para sobreviver sozinho, mas portador de um grande desenvolvimento cortical com uma fantástica potência criativa.

Precisamente, é esta concomitância de ser uma ‘espécie falhada’ e criadora, e que tem de lidar com a distância que o separa do outro, que está na origem da capacidade simbólica e da linguagem. Pela linguagem, o ser humano encontra um modo de ligar a separação em relação ao mundo, às ‘coisas em si mesmas’ que lhe faltam, e em relação a si próprio. A capacidade de, pela emoção, pelo pensamento e pelo conhecimento, poder gerar símbolos, vai permitir, diz Amaral Dias, que os humanos possam falar da sua incompletude entre si, possam, por via da alteridade, apaziguá-la e transformá-la em simbólico já que não podem acabar com ela. Mas, releva Amaral Dias, esta fala testemunha, também, a distância amarga, dolorosa que, na alteridade, separa do outro.

Distância, lugar de todos os equívocos que são, diz-nos Amaral Dias, a Arte, a Ciência, o Sonho e o Sintoma. (Dias 1995: 48).

Distância que apela ao pensamento que sabe transformar essa distância em experiência, acção, conhecimento, crescimento.

Distância que, por ser simbólica, permite que não se viva na ‘barbárie do concreto’ (idem: 60), do sensorial e do perceptivo, não se viva num mundo onde ‘a alteridade é homogeneizadora’ (idem: 61), mas num mundo, no qual o sujeito pode ser subvertor, porque é portador de uma singularidade própria dada pela sua história e pelo seu desejo. E também porque possui uma mente em expansão, que recusa ‘a maravilha da certeza’, preferindo ser um ‘dialogador polissémico entre objectos internos’. (idem: 62). De igual modo, porque pode continuar a ser proprietário de um mundo interno e pensar o que é da ordem do mais interior e do mais íntimo para si, o que o faz o ser humano mais perto da sua verdade e, dessa forma, poder ter menos medo face à sua incompletude, origem da sua dor.

Esta mente, diz Amaral Dias, pode albergar a alma de Heraclito que, Mestre dos desígnios do humano, não fala, não diz, mas faz sinais que se figuram ‘pelo sonho nocturno e pelo sonho diurno (fantasias), como elementos dispostos a serem reordenados pela fala das nossas falas’. (Dias 1995: 63). Desta forma, a mente recusa o pensamento saturado de concreto, das coisas do mundo, porque quer continuar a poder acolher, ser continente para o potencial das coisas em si, estar sempre disponível para receber um saber novo, o que é im-

prescindível neste mundo onde tudo se decompõe, se dissocia, se desintegra, se dispersa e onde, como disse Heraclito, a vida está presente, porque 'a multiplicidade, a complexidade, a desordem, o acaso, unem-se apaixonadamente à *mudança*' (idem: 65), enquanto a morte é anunciada pela voz de Paraménides, com 'a ordem, a lei, o determinismo (que se unem) na permanência' (idem: 65)..

Para que se saiba lidar com tudo o que é incognoscível para a mente sobre si própria, e sobre o real onde estão 'as coisas em si mesmas', para que se possa saber tolerar a desordem, a dúvida, para que se possa ter consciência do tempo e da morte, para que se possa saber gerir a distância e a separação do Outro, Amaral Dias diz que é necessário usar alegorias e metáforas. Neste tipo de imagens, o que acolhe e o que é acolhido está sempre implicado num pensamento que não usa, apenas, o ordinário das faculdades sensíveis e intelectuais, mas apela ao simbólico, convoca-o de forma a recusar um real externo que empareda a pessoa, porque é um simbólico que sabe transformar. É esta actividade de transformação que permite que o sentimento de solipsismo inerente ao humano, que lhe advém da sua incompletude e constitui um agrilhoamento a 'uma miséria de viver' (Dias 1995: 89), não faça o ser humano viver no reino da repetição, mas no da mudança que realmente transforma e impulsiona o sentimento da esperança.

A esperança combate activamente o desespero, pondo o desejo em acto, abrindo as portas ao desejo projectado no devir da pessoa, pessoa que é, a todo o momento, um sujeito do aqui e agora, do instante. Porque, como constata Amaral Dias, 'Como ninguém se pode lavar nem sequer uma vez na água do mesmo rio, para que reformular o que foi, no que será?' (Dias 2003:12).

Neste ponto, é muito importante realçar a metáfora do caleidoscópio (1993) que Ana Parente e Gabriela Alonso explicitam no seu texto, e que Amaral Dias construiu para exemplificar como a mente do terapeuta deve estar, como se perante um caleidoscópio, para poder construir uma imagem significativa dos agires do paciente, mantendo-se aberta a uma disponibilidade para a transformação e para a resignificação, e podendo, assim, dar significado ao material que o paciente traz para a sessão.

Elemento essencial desta resignificação, na psicanálise, é indiscutivelmente o complexo de Édipo, afirmando Amaral Dias que o importante não é por a questão edipiana como conceito ao serviço de taxonomias generalizadas, mas tomá-lo um modo de observar e de

tentar compreender o mito privado de cada um, usando-o como bússola, para reconhecer a crueldade do amor, do desejo e da curiosidade.

Para melhor compreender o significado do mito edipiano próprio a cada um, Amaral Dias propõe indagar a parte mais primária da mente, aconselhando a leitura do romance de Walter Tevis (1980), para melhor se compreender o eu 'selvagem' inerente a toda a mente humana. Neste 'eu', não estão presentes as raízes afectivas com o outro, a pessoa não se reconhece geracionalmente, nem imagina modelos identificatórios para si mesma, não há cooperação alguma, nem vislumbre de gregaridade. Nele, a saga de Édipo, que se dirige a Tebas que quer saber quem é, é negada e não existe aprendizagem alguma através da transformação pela fala do outro. Neste eu primitivo, dominam somente as valências do sistema protomental que apelam a uma mudança catastrófica, por via de uma subversão de uma invariância, como explicita Carlos Farate no seu contributo para esta revista.

Para se poder ter uma maior lucidez e verdade com este eu primitivo, que também habita no Eu consciente onde domina o princípio da realidade, Amaral Dias evoca o amor pelo outro, que poderá ser, realmente, 'o triunfo do Édipo sobre a homogeneidade narcísica e mental de um triste e estranho tempo' (Dias 1995: 100). Este é o nosso. Triunfo protagonizado por Spofforth, o tal robot de Walter Tevis, que é capaz de sofrer, que pode escolher morrer com a ajuda de dois amigos humanos, Mary Lou e Bob, que redescobrem o amor através das palavras.

Triunfo, porque, explica Amaral Dias, é pela curiosidade de Édipo – o qual também transporta a curiosidade sexual infantil – que se ganha a individualidade, se vencem as adversidades que a 'dura realidade' coloca. A pessoa pode filiar-se na realidade e, imaginariamente, pode vincular-se aos outros, numa genealogia do interior e do íntimo, porque sabe que é mortal, transitória, mas, também que ama, morre e está disposta à permanente indagação sobre a Verdade.

No entanto, Amaral Dias também reconhece que esta curiosidade está sempre ligada paradoxalmente ao solipsismo; à angústia em estar só; à incompletude inerente à essência do humano que, novamente de forma paradoxal, e pela via da transformação que impõe, permite transformar o conteúdo da realidade, através de um percurso mental, de uma travessia em que o significado íntimo, pessoal, está sempre presente.

Para lutar contra a dureza do seu solipsismo, o homem dispõe,

lembra Amaral Dias, da sua inteligência para a capacidade de construir símbolos. Mas, acrescenta, se é a inteligência que permite que o simbólico diminua a distância com o outro é, também a inteligência, de forma paradoxal, que dá a voz interior que, servindo a verdade, não deixa esquecer que a 'velha amiga' que é a morte, está sempre à espera.

Sobre esta capacidade de se saber compreendido pelo outro, naquilo que se pode designar de capacidade de empatia e que, apesar da sua prolongada neotenia, o bebé possui desde muito cedo, Amaral Dias chama a atenção para as 'assombrosas competências que o bebé do homem tem para 'agir sobre' e fazer reagir o objecto materno, apropriando-se progressivamente da realidade, apropriação que não é uma simples adaptação, pois o bebé humano vai construir-se como protagonista da sua história, através do desejo e da fantasia de sua mãe.

Para esta construção, Amaral Dias evoca, mais uma vez, a importância de haver uma mente com capacidades transformativas, nas relações com os outros e com o real, e que, podendo tolerar a dor psíquica, possa permitir que, no interior da relação do sujeito com o outro, haja possibilidade de as ansiedades primitivas não intoxicarem a mente. Desta forma, pode haver uma aceitação do real e de separação do outro e, assim, o caminho para a individuação possa ser feito.

No entanto, para que as ansiedades primitivas não sejam tóxicas para o funcionamento da mente, é preciso, por sua vez, salienta Amaral Dias e explicita Nuno Torres no artigo que escreveu para esta colectânea, que o sistema mais primitivo do funcionamento mental, o sistema protomental que é do domínio do psicofísico e do filogenético, permita que o bebé tenha um aparelho mental apto à relação de vinculação emocional. Será, assim, pela expectativa ou desejo de uma relação de vinculação que o bebé vivencia novas experiências emocionais, viabilizando a transformação das primeiras experiências pelo enriquecimento trazido pelas novas experiências, possibilitando, desta forma, o crescimento psíquico. Este crescimento não só permite receber novas significações, como também adquirir pensamento reflexivo, possibilitando que a pessoa em que o bebé se vai tornar se possa observar a si própria, na sua evolução e mudança, aumentando o conhecimento de si própria e o conhecimento do mundo à sua volta.

O que está em causa, em última instância, no nexus psicanalítico que Carlos Amaral Dias vem tecendo ao longo da sua fecunda vida e

carreira intelectual, é que a psicanálise tem um sentido profundamente humanista, ao mesmo tempo que é um modelo científico em expansão. O principal sobre Carlos Amaral Dias e o nexus psicanalítico será dito nos textos que se seguem.

## REFERÊNCIAS

- Dias, C. Amaral  
 1991 *Ali Babá Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*. Lisboa: Escher  
 1992 *Aventuras de Ali-babá nos Túmulos de Ur: Ensaio Psicanalítico sobre a Somatopsicose*. Lisboa: Fenda  
 1993 *Palcos do Imaginário: Textos Psicodramáticos*. Lisboa: Fenda.  
 1995 *Ascensão e Queda dos Toxicoterapeutas ou a Democracia da Mentira*. Lisboa: Fenda  
 1999 *O Negativo ou o Retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século  
 2000 'Amar é Pensar' in *Falas Públicas do Inconsciente*. Coimbra: Quarteto  
 2001 *Da Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Analytica  
 2003 *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina
- La Bhagava-Gîta*  
 2008 Paris: Les Belles Lettres.
- Levin, F. M.  
 2003 *Mapping the Mind*. Londres: Karnac.
- Pontalis, J.-B.  
 2004 *Le Dormeur Eveillé*. Paris: Mercure de France
- Pontalis, J.-P.  
 2007 *Passe Présent: Dialoguer avec J.-B. Pontalis*. Paris: Presses Universitaires de France
- Schore, A.  
 1994 *Affect Regulation and the Origin of the Self*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Singer, W.  
 2008 'Desafios e Implicações Filosóficas das Neurociências'. In *A Ciência terá limites?*. Lisboa: Gradiva

Steiner, G.

1974 *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio de Água

Steiner, G. e col.

2008 *A Ciência terá limites?*. Lisboa: Gradiva

Tevis, W.

2005 [1980] *L'Oiseau de Amerique*. Paris: Gallimard.

Varela, F.; Thomson, E.

1993 *L'inscription Corporelle de l'Esprit, Sciences Cognitives et Expériences Humaines*. Paris: Seuil.